

A hora dos malditos

Uma apresentação ao projeto *Quinta Maldita*, de Demétrio Panarotto, por
Artur de Vargas Giorgi¹

508

Demétrio Panarotto gosta de fazer caminhadas. Alonga-as o quanto pode, no final das tardes, por trajetos que evitam, por diletantismo ou teimosia, o previsto e o demarcado no planejamento urbano para o desporto. Sua atividade física, deambulatória e dispendiosa, não se confunde com a economia do atletismo ou do *fitness*. Talvez seja uma forma de passeio: um passeio intenso-extenso, quem sabe.

Mas por que começar *por aí* esta apresentação? Não deixo de pensar que esse modo de *passar-se* – esse derivar “por aí”, estendido – diz algo do processo criativo de Panarotto. Pois me parece muito afim à sua atividade de artista ou de autor certo peripatetismo, digamos: um trânsito, uma perambulação ou errância, com efeito algo indisciplinada, por meio de distintas linguagens².

¹ Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Vejamos uma breve apresentação curricular: Demétrio Panarotto, Mestre e Doutor em Literatura pela UFSC, é atualmente professor de Cinema e Audiovisual na UNISUL. Publicou o livro-ensaio *Qual Sertão, Euclides da Cunha e Tom Zé* (Lumme Editor, Móbile, 2009).

Já de longa data, seu trabalho, ainda em pleno curso, abarca a música, o cinema e a literatura; mas não autonomamente e sim fazendo com que cada uma dessas artes se desdobre num espaço pulsátil ou permeável, de maneira que o atravessamento seja mesmo o principal motor da sua atividade criativa. Arriscaria dizer, nesse sentido, que a obra de Demétrio Panarotto busca a interferência, que ela quer intervir; mas isso na mesma medida em que se pensa interferida, em que se dispõe à intervenção alheia. Não surpreende, assim, que muitos projetos envolvam algum modo de itinerância (palestras, oficinas, cursos, edições, feiras, shows etc.) e contem com parcerias várias, que trabalham a sua circulação de forma independente.

Em certo sentido, é a proposição de um endereçamento aberto, reforçada uma e outra vez ao modo de uma aposta redobrada: que as músicas, imagens e palavras encontrem sua maior ressonância quando arranjadas e rearranjadas em torno de comunidades, por mais provisórias ou improváveis que estas sejam.

Esse traço aberto, arejado, deve ser entendido em seu sentido mais generoso. Por um lado, por ser acolhedor, expansivo, sem dúvida dado aos contatos mais diversos. Por outro – e sobretudo, eu diria –, por seu potencial de contágio, isto é, por sua potência emergente, disruptiva. Quanto a isso, é preciso sublinhar que o caráter irônico, irreverente e até debochado das composições de Panarotto; que o viés às vezes escatológico ou cáustico, às vezes infantil ou coloquial da sua literatura; que o percurso marginal ou deslocado dos seus ensaios e do seu cinema – enfim, é preciso destacar que seus trabalhos obedecem, sim, a um programa, que é rigoroso à sua maneira. É isso que afasta as suas propostas do mero disparate que se esgotaria em si mesmo, privado de efeitos (e muitas vezes, bem sabemos, o disparate pode ser convertido em procedimento altamente produtivo).

509

É autor dos livros *Borboletas e Abacates* (Argos, 2000; poesia), *Mas é isso, um acontecimento* (Editora da Casa, 2008; poesia), *15'39"* (Editora da Casa, Alpendre, 2010; poesia), *Crônica para um Defunto* (denço-dengo Cartoneiro, 2013; poesia), *O assassinato seguido de La Bodeguita* (Butecanis Editora Cabocla, 2014; poesia), *Poema da Maria 3D* (e-book, coleção formas breves, 2015; poesia), *Ares-Condicionados* (Nave, 2015; contos), *A de Antônia* (Miríade Edições, 2016; poesia), *No Puteiro* (Butecanis Editora Cabocla, 2016; poesia), *Café Com Boceta* (Butecanis Editora Cabocla, 2017; poesia), *Blasfêmia* (Butecanis Editora Cabocla, 2018; poesia), *18 Versos Para o Funeral de Demétrio Panarotto* (Papel do Mato, 2018; poesia), *Tratamento da Imagem* (Selo Patifaria, 2018; conto); *Arquipélago* (Patifaria, 2018, infantil), *Lotação* (Medusa, 2018; poesia), *Vozes e Versos* (Martelo Casa Editorial, 2019, poemas, com Ana Elisa Ribeiro e Marcelo Lotufo). Organizou os livros: *Livres Somos Versos*, em parceria com Arlyse Ditter (ACB, 2018, poemas) e *Cartaze*, em parceria com Arlyse Ditter (ACB, 2019; poesia). Além disso, publicou prefácios e uma série de textos em blogs, sites, revistas, jornais e periódicos. É co-diretor dos documentários *Só Tenho Um Norte* (2008) e *Cerveja Falada* (2010). Com a banda *Repolho* lançou quatro CDs entre 1997 e 2009, e o compacto em vinil *Sorria, meu bem! (oh Sweet Lucy)* (2004). Com o projeto *Irmãos Panarotto*, com Roberto Panarotto, lançou três CDs.

Esse programa, a meu ver, é trabalhado em dupla chave: postula, de saída, que o fazer estético nunca deve se distanciar da crítica à normalização ou à naturalização das nossas construções de mundo, por menores e mais corriqueiras que sejam; e, de forma complementar, propõe que ambas, criação e crítica, ou estética e ética, não devem se esquivar do exercício de elaboração de espaços comuns – espaços alternativos para o pensamento, o sentimento e a exposição das coletividades inventadas.

*
* *

Esta apresentação que *Landa* dedica a um dos projetos mais recentes de Demétrio Panarotto parece ilustrar muito bem esse programa em curso. Trata-se do registro de um aniversário, ou seja, de uma *festa*: a comemoração dos dois anos do *Quinta Maldita*, ocorrida em 28 de setembro de 2019 – um sábado, aliás –, no bar *Cervejaria Sambaqui*, em Desterro (Ilha de Florianópolis).

No que consiste o *Quinta Maldita*? Trata-se claramente de um programa de rádio. Mas é um *podcast*. E também, claro, um sarau – num bar; que se transforma, por sua vez, numa rádio intempestiva, que é ainda um espaço para performances, protestos, declamações, falas, reivindicações e outros *happenings*; espaço também para exposição de livros, quadros, vídeos, artesanatos – e que não deixa, enfim, de ser um bar.

510

Quinta Maldita pode ser ao vivo. Mas também gravado. É sempre inédito. Mesmo quando recorre a arquivos. É temático, sim. Mas não obrigatoriamente. Acontece em Florianópolis, mensalmente; ou quase. Mas também em Balneário Camboriú, Chapecó, Porto Alegre, Curitiba, em outros lugares, sem periodicidade alguma. É idealizado e produzido por Demétrio Panarotto. Assim como por Marcio Fontoura, responsável pela rádio *Desterro Cultural*³. E acontece ainda em razão de todas e todos que compartilham a leitura de textos; que contribuem com o improviso de gestos; com atuações de diversos tipos; com brindes, e assobios, e conversas, e risadas, e novos projetos. Etc.

Como vemos, a dinâmica é inquieta e, todavia, contínua; algo assistemática embora persistente; segue um plano, um desdobramento que não desdenha a invenção constante e *vária*. Em suma, difícil rotular ou definir esse programa, na medida em que sua realização é *diagonal*, em meio à vida, transitando entre tempos, espaços e distintas condições de arquivamento e de exposição.

³ <https://www.mixcloud.com/destero-cultural/stream/>. Também pode ser ouvido no *Youtube*: https://www.youtube.com/channel/UC511bNESVYjBN_CeeVBwqmg; e no *Mixcloud*: <https://www.mixcloud.com/quintamaldita/>.

Seja como for, é literatura, eu diria, no caso de a pensarmos como um fazer desbordado; como um meio de convivência possível ou uma forma de ensaio de vida coletiva: modulação de uma estética relacional que coloca em jogo, em uma palavra, a produção de um *êthos*, proposto e praticado de forma festiva. Mas talvez as palavras de Panarotto sejam as mais oportunas, neste espaço, para dizer a singularidade, ou seja, a força plural do projeto:

Quinta Maldita o que é?

Quinta Maldita é um programa de versos;
de vozes também;
de várias vozes que se misturam, que se tocam, que criam
ranhuras;vocalizações;e, importante, de corpo, ou melhor, da relação da voz com o corpo;
daquilo que vem do dizer poético;
da palavra sendo dita, lida, falada, cantada, dançada; da palavra junto com instrumentos musicais; junções melódicas ou não; com ruídos; um programa de cores e sotaques;
ah, e texturas;
ah de novo, e de crocâncias; da relação da palavra com quem a ouve, por mais que isso seja uma
segunda intervenção;
da distância entre aquilo que se fala e aquilo que se entende;
do verbo respeitando a relação com o branco do papel, mas pedindo passagem em sua forma mais bruta,
às vezes ligeiramente lapidado,
às vezes sóbrio, às vezes ébrio, às vezes completamente ébrio, caindo da boca, com hálito, com muito hálito, tomando as ruas, as calçadas, os calçadões, os bares, os botecos,
as feiras, os palcos,sendo amplificado por caixas de som ou simplesmente sendo ditos,
berrados, gritados,brigando com os ruídos da cidade,
ali na cidade bem ali no lugar onde o verbo precisa estar,
não com precisão, daquilo que precisa ser preciso, mas que pode ser um simples balbucio ou um gaguejar;
o mal dito também cabe no dizer;
pode ser do mal falado, mal cantado, mal dançado, mal lido, mas com toda a força do corpo e junto do coração; das possibilidades e não como impossibilidade moral da moralidade social ou da moralidade acadêmica;
da palavra que pode ser pensada na sua relação teórica, sem ser presa pela teoria,sem ser presa nas gaiolas dos protocolos; vozes e mais vozes; vozes⁴.

511

Na celebração dos dois anos do projeto, falaram, cantaram, leram,

⁴ Aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=RTTwFM8yhO0>.

performaram seus textos o coletivo *Abrasabarca*⁵, Vitor Ventura Cabreira Pomar, Carlos Eduardo Capela, Virgínia Squizani Rodrigues, Osiris Duarte, Afonso Nilson, Carlos Nogueira, Péda e Grego, Micheli Hartmann, Christian von Koenig, Claudia Aguiyrrre, Demétrio Panarotto, Leandro Scarabelot, George França, Paulino Junior, JARDiM e Grego, Jéferson Silveira Dantas, Artur de Vargas Giorgi, Marina Coelho e Lp. Mas sem dúvida participaram, ali no bar, ao vivo, e depois, nos muitos tempos e espaços vivos dos arquivos digitais, outras *texturas e junções; ruídos; vozes e mais vozes; vozes*. O belo registro das imagens foi feito por Joaquín Correa e Oswaldo Vélez.

*

* *

512

Em abril de 1934, Walter Benjamin iniciou uma conferência no Instituto para o Estudo do Fascismo lembrando o tratamento reservado por Platão aos poetas em sua *República*. “No interesse da comunidade, ele os excluiu do Estado”⁶. A questão, para Benjamin, era como pensar o trabalho do autor no contexto da luta revolucionária. Contexto complexo, por certo. Se os poetas não são mais expulsos, se lhes impõem tarefas graves e grandes responsabilidades. O mundo que parece estimular e acolher todos os tipos de manifestação é o mundo do capital, em que essas mesmas manifestações dificilmente implicam mudanças na organização produtiva das sociedades ou riscos para os capitalistas. Para Benjamin, o tratamento da questão era claro: “não pode de maneira alguma operar com essa coisa rígida e isolada: obra, romance, livro. Ele deve situar esse objeto nos contextos sociais vivos”⁷.

Questionar as distinções entre autor e leitor, intérprete e ouvinte, teoria e prática, escrita e imagem, música e palavra. No lugar dessas distinções estanques, tratava-se para Benjamin da “literalização de todas as relações vitais”, com a qual se eliminaria a oposição entre autor e produtor⁸. Espectadores ou leitores passariam a ser colaboradores organizados em torno de um processo de escrita crítica, conduzido em esfera pública, que deveria ser cada vez mais generalizado.

Como sabemos, Benjamin foi – ele igualmente, em seu tempo (final

⁵ Ana Araújo, Arielle Louise, Elisa Tonon, Ibriela Sevilla, Juliana Ben, Juliana Pereira e Lu Tiscoski.

⁶ BENJAMIN, Walter. “O autor como produtor”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas v. 1). 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1994, p. 120.

⁷ Ibidem, p. 122.

⁸ Ibidem, p. 130.

da década de 1920, início dos anos 1930) – um autor-produtor, um narrador na programação de rádios alemães. Algumas de suas histórias eram transmitidas no contexto de *A hora da juventude* (*Jugendstunde*, na Funkstunde S.A., em Berlim; *Stunde der Jugend*, na Südwestdeutschen Rundfunks, em Frankfurt)⁹. Nos programas, dirigidos a crianças e jovens, reconhecemos claramente temas que interessavam ao autor de *Rua de mão única* e *Infância em Berlim*.

Ora, *Quinta Maldita* parece ser produzido sob o signo benjaminiano. Parece ter absorvido, e agora busca estender, a seu modo e em situação histórica certamente diversa, essa proposta ainda urgente, que aponta a necessidade de reparação dos vencidos, dos esquecidos, dos malditos, assim como a exigência de posições críticas aos protocolos policiais e às oposições instrumentais. Enfim, em vez de se apresentar como *obra*, o programa, em processo, traduz certa “função organizadora”¹⁰.

Talvez essa autoria produtiva do *Quinta Maldita* seja mesmo uma forma de caminhar: uma forma de ler o mundo e de nele deslocar-se – a contrapelo.

Desterro, outono de 2020

⁹ Cf. BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças*. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau, 2018.

¹⁰ Idem. “O autor como produtor”, op. cit., p. 131.

Quinta Maldita, 28 de setembro de 2019¹¹

Abrasabarca¹²

O vermelho da vida

É sinal fechado
é ponto morto
é espera
é estar pendente
da ascensão ou
da eterna danação

Caminho com Virgílio
passos felinos no topo
do muro
MONUMENTAL

É procura
é busca
é resgate
é um corpo que para
pela metade
É pavor
que de tão rubro
mal cabe no peito
que o acorrenta

¹¹ Os textos, aqui reunidos por Demétrio Panarotto, foram lidos durante a comemoração dos dois anos do *Quinta Maldita*, ocorrida em 28 de setembro de 2019. Fotografias de Joaquín Correa e Oswaldo Vélez.

¹² Abrasabarca são: Ana Araújo, Ariele Louise, Elisa Tonon, Ibriela Sevilla, Juliana Ben, Juliana Pereira e Lu Tiscoski.

515

Carmim os caminhos
magenta magnéticas
manhãs
afogueado nos olhos
afogados os gritos

Escarlate os pedidos
de socorro
escondidos na noite
enquanto o fio vermelho
ainda escorre

Dedos de moça mulamba
rubro corpo diminuto
arde no tambor do dia

Malagueta e Cumari
porque a picância da vida
faz a dor
o choque
o apavoramento

Jalapeño e Caiena
em plena cor
da beleza
dançam ao vento
Rodam tules e babados
efeito tufão
tacos tocam tons
no despedaçar
das horas

Dedos de moça espanhola
inventam rojas castanholas
valentes

O vermelho da vida
pinta o espaço
entre a espera e
o próximo movimento
corredor frente ao
tiro da largada
concentração máxima
da força humana
humana, demasiadamente
humana.

Afetação

Refundar a existência parece ser o trabalho agora
outras referências
o paideuma dos meus afetos
fêmeas

Estar de volta
o calor e o silêncio acalmando o peito
quase tudo está bem
eu agradeço
enquanto penso em arrancar os pelos
a expressão da nossa loucura rotineira
chegar e partir
aqui jogo minha âncora
ela desce até as profundezas
e promete
segurança na flutuação
Barco? Iceberg? Prancha? Canoa?
o apito do navio anunciando

516

é preciso ampliar o tamanho das letras para ver palavras grandes
e tentar enxergar o que tem dentro delas
caminhos inusitados
insólitos enredos
e o que tem dentro do coração?
sístole, diástole
teu nome teu olhar e a memória da dor

Vermelho é o traje das que tem o honrado destino
conceber e parir as crias
que não serão suas
mas deles
bendita seja a fruta
quando olho para a cor desse lenço
lembro do que podemos nos tornar
e que os significados construídos
estão sempre ameaçados
são os horrores da sua imaginação, há quem diga

o fio vermelho escorre e anuncia
prepare-se para a dor
ela chega e eu sinto culpa
comi bebi corri e alopei demais
mas o nome disso talvez seja vida
líquida
ela pulsa em caminhos
bifurcações raízes ambiguidades
e eu ainda não escolhi virar monja
o sabor do risco
transbordar o copo
santo graal
cabernet carmenère malbec shiraz
com toda devoção
o vermelho da vida
entra e sai do coração
pela boca
tem gosto de sangue
tem gosto de amor
náufraga

e quando o dia se finda
o sol tinge o horizonte
rubro lavanda ouro
as nuances do ciclo
extravagância
amanhã tem mais
eu exagero mesmo
é isso que o vermelho me diz
que tem muito e ainda mais
para as que sabem tocar
o gosto de ferro
o cheiro de carne
a morte e a vida
na semente
maçã
você me diz de suculências, apetites, afetos e venenos
enquanto o trabalho ocupa e consome
meus (res)sentimentos agravados com o vento

Na caverna pude ver e ouvir
os veios da terra, o som que faz
plic plic plic plic
amplificado e contínuo por eras
úmida, escura, escorregadia
acolhe a humana presença assustada
meus olhos pingam
estalactite
plic plic plic plic
dedos inquietos e ardentes
marcam aqui o tempo de uma passagem
breve
longa
na alternância da duração
partitura
o corpo canto a terra dança.

518

se o amor quiser

se o amor quiser ser um pouco
azul
vai ser triste?
vai ser blues?
não tem saída?
eu sei, tem beleza no blues
mas que saco de novo
a gente fica só com essa beleza
do que não foi
e se por acaso eu acordar
de um amor amarelo?
não, não tem cabimento
mas não é sobre caber
se o cabimento deixa de ser uma questão
não é por isso que a gente vai chorar
a gente não
vai chorar

519

pelo amor não
ser vermelho dessa vez
sim, eu gosto de almodóvar
digo dos filmes eu também penso
neles quando penso
em vermelho
não que eu queira amar assim
na angústia
é sobre drama adoro
um drama é bom pra viver
mas no amarelo
então descobrimos um amor
que de repente
não sabemos sentir
como vibra?
como seria um drama
de um amor
amarelo?
isso não era pra ser só
um típico poema aquariano
que não se aguenta e vai questionar
o vermelho da vida do amor coisa e tal
só queria saber
como é que vibra um amor amarelo
ele é quente
mas não queima
a pele?
ou queima sem que a gente perceba
tipo mormaço?
vai saber
mas talvez seja o caso
de a gente rever
quem pinta
como a gente enxerga
as cores
o amor?

é só pânico

acontece e a gente ouve jazz
quando bate
silencia
o mundo dá um susto
de tempo
daí o pânico
um susto constante
como dura o duro
desse surto seco certo
e eu driblando
jokerwoman
vermelho sim
sobe na face e ali se deposita
no drible
daí esses pânicos
nada está sob controle
nunca?
acreditem
eu estou perdendo
o vermelho da vida
de vista
se esse blues continuar
e toda cachaça desgraça
talvez yoga
talvez a dança da amiga
o cachorro branco virando um unicórnio
perdendo da vista
o vermelho da vida
eu posso resgatar
acreditem
o desejo está a dois passos a partir da garganta
pés gigantes trilham esse caminho
e me esmagam um pouco
o vermelho sufoca
mas podem contar
com o retorno da cobra
ela irá morder logo o próprio rabo

520

521

e tudo continuará
fora de controle
talvez correr
talvez sexo
sim, vocês hão de convir
agosto é longo demais
só não percam o vermelho da vida de vista
vou logo ali onde as cores se misturam e desmaiam
então talvez consiga novamente olhar com calma
para cada uma
das cores
talvez ler mais
quietude qualquer
tem gente que pede socorro dançando
é bom
sempre é bom
resposta do corpo
daqui a pouco eu fervo
porque logo há setembro
e o sal está a dois passos daqui
é só pânico
de excesso de vida
minhas amigas
talvez flamenco
o sangue nos pés da andaluza
Anzaldúa:
*os medos, as raivas, a força de uma mulher
sob uma opressão tripla ou quádrupla
Ponham suas tripas no papel*
talvez fogo
a fogueira a dois passos
nós a dois passos
o calor dos corpos
avisto de novo no encalço
o vermelho da vida
e tudo é um só pânico
de um vivo vermelho que corre
num rio vermelho
então eu estava dizendo

talvez candomblé
talvez atabaques
Bumbos
talvez ayhuasca
talvez cores de mulheres
na beira do sol
ou de novo
talvez se ilhar
talvez amor
talvez escrever
talvez saraus
é só pânico
e cortante só agora
é agosto
vai passar
talvez mar

O amor é planta

a minha amiga disse que o amor caminha, assim,
como uma planta
e eu pensei ser esta
a metáfora perfeita
para explicar tudo
que cresce na gente
e que a gente não explica
e embrulha o estômago
porque uma coisa que cresce
precisa de espaço
e pra abrir espaço
é precisa limpar a sujeira
de dentro
que é sempre mais difícil
de limpar

se o amor é planta
nasce bem em solo fértil

mas também nasce in vitro
pode ser manipulado
controlado
com a promessa de ficar mais forte
melhor
geneticamente falando
menos propenso a pragas
ou a outros danos
imprevistos

há quem queira prever tudo
até o amor
como se ele fosse via de mão única
como se o outro
fosse eu

há também
quem diga que o amor nasce da distração
da perdição
da correnteza
e que não há como escapar
deleitar-se
é o que resta
lidar com as quedas e com o poço
buscar o fundo
a poção de amor

uma fenda nos separa, meu bem
eu disse
enquanto deitava na pedra salgada
e me banhava de sol
e minha perna esquerda atravessava a fenda
chegando meu pé ao teu lado
de olhos fechados
imaginei a fenda sumindo
imaginei-me apagando a vela
e sentando ao teu lado
para uma farta refeição

se o amor é planta
o preparo do alimento é como o preparo da terra
de onde tudo brota

se o amor é planta
então ele é estrutura
é o primeiro andar do prédio
a porta de entrada
o acesso a todos os cômodos
o elevador que nos leva ao ponto mais alto da torre
onde basta estar
para sentir
vertigem

eu sempre tive medo de altura
mas queria estar no alto
mesmo assim
a vertigem
nunca me impediu de subir na torre

acontece que a torre
de repente
ficou alta demais
e por mais que eu suba
parece que nunca chego lá
e quando olho para baixo
vejo a planta
vejo o amor
me sussurrando palavras que eu não consigo ouvir
porque eu subi demais

acorda, amor
a terra chama
o amor é planta
desce
enquanto eu preparo o nosso alimento
você pode me amar

Cantiga de amiga

sabe, amiga
eu também pensei um dia
que só os homens podiam
falar de Amor
que para uma mulher
o desejo de amar
era coisa romântica
e eu nunca fui romântica
detestava até mesmo beethoven
e lia na história da sua surdez
a dificuldade de ouvir
que eu mesma sentia às vezes
porque as palavras tinham arestas agudas
e feriam dentro
do que eu não sabia se eram os ouvidos
a garganta, a vagina, o coração, o útero

525

sabe, amiga
eu também pensei um dia
que só os homens podiam
falar de Amor
que na voz de uma mulher
qualquer história parecia aquela
da princesa raptada por um cavalo
precisando achar divino o sujeito
que esporeava o cavalo
porque afinal era a única maneira
de deixar a torre

sabe, amiga,
eu muitas vezes pensava
ter que me acostumar a viver na torre
para todo o sempre
eu que não desejava o príncipe
conviveria com o claustro e suas paredes
tingidas de cal
eu pálida freira
e as grades que eu amava
porque eram a entrada de ar e luz

sabe, amiga
cheguei a ensaiar também
montar eu mesma no cavalo
tornar-me aquela que desce o chicote
na cavalgadura com brutalidade
e foge e se exila na floresta
claustro mais verde e mais habitado
eu eremita
mas de novo eu ouvia a história da princesa
porque sempre aparecia ali uma bruxa
eu bruxa, fabricando venenos
para enfim matar a mocinha

sabe, amiga
também arrisquei jogar da janela
os cabelos todos em trança
até a beira da estrada
e receber cada cavaleiro andarilho sacerdote
barbeiro caixeiro-viajante cientista
deputado doutor boticário
até ter o mundo dentro de mim
mas o mundo em mim
não era espelho de mim no mundo
e o que restava era a dor
de infinitos natimortos
que sugavam as tetas da bela adormecida
até que ela acordasse aos gritos
pois não convinha à bela
gritar de Amor

sabe, amiga
por muito tempo pensei
que só os homens podiam falar de Amor
e achava intolerável
ouvir os homens falarem de amor
e ter que responder qualquer coisa
da ordem do romance

os romances que eu gostava
eram os da clarice lispector
e não dava pra ser a lóri
as bolas de ulisses me davam náusea

mas sabe, amiga
aconteceu um dia
de eu arriscar umas palavras
sobre o desejo
primeiro o desejo que eu gostava que ardesse
e se consumisse em uma duas três noites
e sempre que me ardia em desejo
ressurgia uma fênix ávida por outro alimento
que eu não sabia nomear

então aconteceu outra vez
de arriscar dizer eu te amo
pra um desejo que eu gostava que durasse
que já ia durando
eu ainda não sabia que o Amor era feito de brasa
uma brasa que se acendia com o vento
e podia queimar se não se cuidasse
uma brasa que quase se apagava
e era preciso passar noites inteiras soprando
o fogo cansa-se, amiga
e também se cansa quem porventura
precisa manter sozinha a brasa acesa
e deve ter acontecido daquela vez
o Amor feito cinza
encontrei algumas vezes o Amor
enquanto andava pelo mundo sem saber bem
o nome do que estava procurando.
mas os homens podiam falar de Amor
e eles sabiam bem o nome daquilo de que fugiam
eles diziam alto no primeiro encontro
palavras que eu não compreendia
para explicar que estavam fugindo do Amor

que não estavam fugindo de mim
que me queriam bem mas o Amor não queriam
e eu assistia aquilo sem compreender bem
porque ainda não sentia nada
sequer parecido com amor

sabe, amiga,
acho que os homens contam entre si
histórias terríveis sobre o Amor
histórias tão terríveis
como as histórias que eles costumam nos contar
sobre uma princesa que espera
e um pobre coitado que precisa correr mundo
pagar sete prendas
trabalhar sete anos
ficar provando que ama
enquanto cala o desejo
de ser a princesa da vez
e só ansiar receber passivo
a notícia de saber-se amado

528

sabe, amiga
eu vou escrever um poema de Amor
o poema começa com alguém que diz
eu te amo
mas eu acho que o poema não tem fim
porque o Amor é coisa que se derrama
como uma erva cobre chão e sobe no tronco das árvores
o Amor caminha assim, como uma planta
e como uma planta ele precisa de quem o habite
e pra habitar o Amor
é precisa alguma coragem
a persistência de quem lava
são precisas as nossas palavras
dizendo os Amores
onde a gente deseja viver

o alaranjado das bergamotas

eu quero falar das bergamotas
que caem da árvore da vizinha

eu quero falar
das minhas duas mãos
abertas
cheias
sem poder pegar uma câmera
sem querer pegar uma câmera
sem mais ninguém por perto
pra compartilhar
o alaranjado transbordante

só minhas palavras nesta página

que sempre podem se transformar
nos olhos do grande outro

de qualquer modo
todo dia eu tento
falar dos momentos
em que o abacateiro
nos dá abacates
e eles não cabem nas minhas mãos

529

Vitor Ventura Cabreira Pomar

“O trabalho liberta”

Eu sou um cara engraçado. Estudo economia porque penso que vou ter um emprego melhor quando me formar. Estudo francês porque penso em fazer doutorado no exterior. Ah! os meus sonhos pequeno burgueses eram belos e dourados - mas nenhum sonho resiste ao choque de realidade.

Está mais do que na hora de crescermos e deixarmos a sensibilidade para trás. O Brasil não será mais país de Suassunas, Gracilianos e Coralinas por um curto, mas longo, tempo. A única perspectiva do brasileiro médio deve ser a vida de burrinho de carga, de boi de arado. Trabalhar até morrer, ou morrer trabalhando, isso é bastante instrutivo.

“Arbeit macht frei” do alemão, “o trabalho liberta”: esse era o slogan dos campos de concentração nazista, a ideia mística de que o sacrifício pelo trabalho trazia a libertação do espírito - ou pelo menos, era o que se queria passar aos judeus da Polônia e Alemanha nazista. Eu não duvido que possa ser o mesmo slogan que inspirou Paulo Guedes a criar a nova reforma da previdência: “o trabalho liberta” - Auschwitz já não parece tão longe.

Mas a parte mais engraçada mesmo é ver o jovem recém saído da universidade, que pensava estar com a vida resolvida e que ia poder se eximir dos problemas do mundo, ficar preso nesta armadilha com todos nós, operários, estudantes pobres, camponeses, aposentados e inválidos, e perceber que sua única saída absoluta é lutar até esgotar as forças. Ou do contrário, vestir o pijama listrado e lembrar que: “arbeit macht frei!”, mas a liberdade é apenas metafórica.

Virgínia Squizani Rodrigues¹³**Por que você não grita?**

quem pensa
que grito sufoca
em silêncio
se engana

grito vaza
por onde o grito vaza?
por onde
o teu grito
vaza?

é pela raiz do fio de cabelo?
ou é no pesadelo?

por onde o grito vaza?
ou será que o teu grito corrói
em suco gástrico
até se transformar em úlcera?

e você, mulher?
por onde o teu grito vaza?
em útero descompensado?
afeto abalado?

¹³ (@vida.demais).

por onde o teu grito vaza?

por que você não grita?!

por que você não grita?!

Grita!

Grita!

Grita!

mas grita com a dor do fundo da alma

grita com a dor que te aperta o peito

grita com aquilo que te atormenta

e só então

respira fundo e

liberta

Osíris Duarte

João que podia ser Maria, que podia ser Pedro...

João era preto, desrespeito da ausência de cor. E aquilo que João tem no peito, bate curto, apertado e estreito, quando no leito João deita pálido, sem cor. João morreu no beco, escuro segredo no muro branco do bar. Ele não viu o mar, nem o azul do amor costeiro, João era um estrangeiro no próprio lar de dor. Ele era direito, trabalhador de respeito, na calçada inspirava medo, em casa esplendor. João podia ser José, Maria ou Pedro, ele corre a pista atrás de um beijo, doce afago dos desejos. João bebia cachaça no sábado, café no domingo e chuva na segunda. Ele senta a bunda no coletivo, a mesma bunda que consigo sente, que no coletivo senta. Ele tenta, tentava... João arrastava as solas brancas do pé negro, na face escura o sorriso luz, sem segredo, andava a esmo na vida cinza. João morreu no beco, nas mãos o pão, o leite e o medo, enquanto o mundo lhe dizia preto não é cor, é ausência de cor e saiba, de cór, isso, morre bem quisto pelo preconceito, mais um preto, por favor.

Afonso Nilson

Vidraças com homens de plástico
a rodear dentro e fora, caos de trapos,
formas toscas dos corpos mortos
sob máscaras vivas, monumentos de ossos
saracoteando amolecidos do torpor
sem fim de consciências inúteis.
Mais mortes que espadas e projéteis,
menos compaixão que a crueldade
máxima, ocos quais crânios de manequins.

Qual esperança resta aos plásticos?
Derreter, reciclar, refazer, regurgitar.
Gostam de ser belos, gostam das faces
rubras dos moldes que copiam,
acham que são cópias perfeitas.
Racham todos na rua com seus aquilinos eriçados,
desfilam como vencedores pelas fileiras dos esqualidos,
martirizam com olhos sem alma os nus de face.
Seus corpos brilham em luz neon.

Carlos Nogueira**Olhar**

Ansioso por ser feliz, o humano
infeliz quer da tristeza dar cabo.
Sai pulando então de plano em plano,
como um cachorro atrás do próprio rabo.

Mal sabe ele que incorre em engano,
pois, para ser feliz de cabo a rabo,
não é preciso ser tão leviano:
basta olhar para si sem menoscabo.

Tal qual quem usa óculos no rosto,
mas ainda assim vive com desgosto
(por mal enxergar o que está à frente)

(letra: Péda, música: Grego)

Declaro

Oprimiram nosso choro.

Impossível expressar o que sinto, a opressão nasce antes dos dentes.

Lágrima que vem de quem ainda não aprendeu a falar, é obrigada a voltar e se calar.

As portas do medo foram destrancadas com direito a chave fora!

Pra onde vai o sentir em silêncio?

Caixa-corpo de guardar sentimentos está transbordando, vai escorrer entre os dedos ou te acompanhar, feito bagagens difíceis de desfazer.

Refrão

Diga sim, diga não, diga o que você quer, se manifeste sem medo de reações!

Ficar de boca fechada é doença que começa na alma, e se você não falar o seu corpo se pronunciará. Coloque o alto falante no coração, é chave de liberdade

Seja sincero contigo, defina o que sente e se declare, se declare, se declare.

Micheli Hartmann**Pássaro da noite**

Se estou a te ouvir
É que estás a me espreitar

No silêncio tu surges
Passas calmo a voar
Do silêncio que não tenho
Te regala debochar

Pássaro da noite

Não sei d'onde migras
Nem tão pouco tuas razões
Nem sei qual a tua espécie
Nem juízo a te aplicar

O mistério do teu canto
Banha a noite de aura umbrosa
Só sentida por soturnos
Seres sós que nela vivem

Pássaro da noite

Nem ao menos sei se pousas
Se em rasantes molhas o bico
Ou se escapas em rodopio
Quando o ninho cria cola

Me contento com teu canto
Companhia a desfrutar
Como outros não tens ninho
Nem lugar para chegar

Voas solto, voas livre
Sem gaiola, nem espera
Sem correntes, tu bem vives
Sem convívio, nem quimera

Pássaro da noite

Não sei se és feliz ou chora
 Se te mitigas na aurora
 Se o vento te varre o cerne
 Se vives sem ter memória

Eu...nem mais canto
 De tanto almejar vôo duplo
 A desvendar sonho alheio
 A me podar por cautela
 Eu...só te espreito na noite
 Pra me levar em teu vôo... e o teu voar ser meu sonho

538

Christian von Koenig**Centro corpo oco**

No Centro, entre o ventre adentro,
quem ouvirá nas horas mortas
do fechar das portas do comércio
o pulsar discreto de vias abertas
livres de todo congestionamento?
Serão as estátuas de homens brancos
cobertas de cocô de pombo?
Serão os prédios pendentes
à espera do tombo?
Ou os profetas dos becos
que trocaram Cristo por um troco?
Centro corpo oco.

Porque não será tu.
O silêncio da cidade é um grito
que não cabe em teus ouvidos moucos,
acostumados, na ânsia de ouvir tudo,
a escutar tão pouco.
Centro corpo oco.

Não verás as criaturas que habitam
as entranhas do Centro
depois que a PM dá boa-noite
com tiro, chute e soco.
Centro corpo oco.

Nem verás teus irmãos,
teu rosto no deste.
Teu olho no outro
não verás tampouco.
Centro corpo oco.

O vazio de todos,
a música dos ecos,
a palco dos loucos.
Centro corpo oco.

Claudia Aguiyrrre**[índole]**

A fome é incerta
como paisagem de estrada
com urubu pairando no céu
do mundo: mudo

A fome é impura
como os sentimentos mentidos
com palavras do avesso numa
coberta de estampas: vazadas

Fome que nutre
por ser o que resta à boca
seca da voz, surda do alarde
antes de ser o oco da alma

Demétrio Panarotto**As favelas pós Euclides**

O planalto central do Brasil desce...

o intervalo venoso
de imprevisibilidades
valas fundas corpos gente juntos morte
sempre muitas mortes
pode parecer do campo da lógica
mas é bem mais do que isso quando repico que
brasil e morte são sinônimos
no singular e no plural
sei que não deveria haver sintomas lógicos nessa arquitetura da fala
ao mesmo tempo nunca outra coisa
mesmo que embalada em traumas
desesperados ásperos e inócuos
na simetria dos corpos que
morte no brasil
meus delatores e deladoras
é também sinônimo de dinheiro
assim como se assim fornicastes lendas
aparentemente simples
morte brasil e dinheiro
ou dinheiro morte e brasil
ou ou ou ou
estão me ouvindo
ou falo para os cavalos que aqui trafegam
puxando as carroças de Oswald
e mesmo parecendo equidistantes
quando juntas no cio
são ainda mais a mesma coisa
embaçando
aquilo que traduz
ao menos em partes pustulentas
em forma de picadinho de gente
o orgulho dos condutores desse abuso
por hora e por sempre
uma ramificação antiga de si mesmo

não obstante jazz
brasileiro é...
antes do nobre reconhecimento de quem nasce no brasil
aquele que saqueava matéria-prima em troca de trocados e trocadi-
lhos
e que matava (e que mata) e que bota fogo para cumprir a miséria
daquilo que lhe foi incumbido
a miséria nossa de cada dia
Miserere nobis ora pro nobis
desfigurados somos engrenagens mortas cruas
com um olhar fortificado nas trevas do passado
selvagens do capital
que não mata pra comer mas para aumentar o capital capitólio capo
capitolina não
o presente dinheiro passado a limpo
em que nele tu vê um brasileiro saqueando aquilo que toca como seu
e por empréstimo sangrento verás morte e dinheiro
mesmo que essa formação não seja assim tão explícita
explícito no Brasil são as vergonhas de Pero Vaz de Caminha
e como a desgraça é sempre mimada
a esse brasileiro deram um hino e uma bandeira
[um hino assim tão fino que não cabe na tristeza dos mortos tantos
mortos]
ainda mais quando se confirma que
as cores da bandeira que segue são as mesmas do saque pau-brasil
que se matava para se fazer dinheiro
arde em brasa desde que aqui os descobertos descobridores chega-
ram
vermelho tu és
mesmo que a publicidade seja verde e amarela
que protagoniza agon agon agon
um saque atrás do outro
dizer que o brasil e o brasileiro se repetem é uma ‘debundância’
elogiar o juiz do baixo meretrício é reivindicar o brasão ou a brasa
para fazer dela espolio
e a bandeira abraços nela se comparam para encobrir o saque
pois o país vai continuar matando pessoas e gerando dinheiro para
patrocinar o canal que vai falar bem dos saqueadores para no mês
seguinte continuar tendo apoio financeiro

porra
desconfie
pois se abraçar a uma bandeira não é um gesto nem um ato de amor
é um gesto que amarga o sentido das coisas
amor
entrecorte da vida
é sinônimo de outras anarquias
mesmo que alguns a fortifiquem como sinônimo de morte e de di-
nheiro
o que configura que
brasileiro abraçado
abraçado
abraçado
em uma bandeira nada mais é do que uma das tantas mortes que
aquecem o forno financeiro
sentimentos esfolados pelas cifras
desânimo e uma série de falta de outros
ânimos anônimos
filas pra ser gente ou se sentir (um) merda
o corpo cozido lentamente
agrotóxiconegócio
açoite no corpo versa
acima
pra variar
como se o objeto poema estivesse de ponta cabeça
a panela
abaixo
pra desvairar
a tampa
dizer que a história é ou não do cramunhão é uma falta de opção
para não perder o olho daquilo que se movimenta n'
...as linhas essenciais do crime e da loucura.

Leandro Scarabelot

História roubada de um anônimo.

Essa história não é minha... Ela é uma história roubada. É preciso que eu confesse antes que você comece a ler. Não faço isso por algum pudor ou receio de ser descoberto depois. Nem por alguma espécie de moral, que me impede de começar contando uma mentira deslavada. Também não o faço para me esquivar de um possível processo criminal, como o daquele ensaísta que tentou engordar um conto de um famoso escritor argentino que adorava se apropriar de histórias dos outros e fazê-las suas. Confesso que esta história é roubada para que você, leitor, não se dê ao trabalho de ler este manuscrito. O que tento aqui é uma reconstrução. Tento reconstruir uma memória de infância, a memória de uma história que minha mãe contava quando eu ainda era bem pequeno...

Pela escrita, eu não sei se conseguiria reproduzir todos os gestos que a acompanhavam, as expressões faciais, meus gritos de espanto com algumas das situações. Todas as descrições que pudesse fazer seriam apenas uma pálida sombra daquilo que efetivamente aconteceu. Aliás, não sei bem como vou contar essa história, não me lembro exatamente do começo. É claro que eu poderia, sim, pegar o livro d'As mil e uma noites, e consultar a ducentésima quadragésima terceira noite para verificar seu conteúdo, sua narrativa, e ver como, pela ducentésima quadragésima terceira vez, Sherazade escapa de ter sua noite com o sultão e de sua iminente morte na manhã seguinte. O problema é que, neste momento, não tenho o livro perto de mim. Ele foi perdido junto com todas as outras coisas que possuía. Tudo o que tenho agora nesse beco imundo é este pequeno pedaço de papel sujo e este resto de lápis, cuja ponta, a cada palavra, fica menor. Nem ao menos um cigarro ou um gole de aguardente para acalantar o desespero. Acho que nem Raskolnikov esteve em tão maus lençóis. Não sei se conseguirei chegar a algum lugar... Há um temporal que se aproxima e, com ele, o risco de danificar o manuscrito torna-se quase que premente... Se você o está lendo agora é porque, de alguma forma, por algum milagre, ele se salvou. Talvez seja o seu destino. Não!!! Recuso-me a acreditar em alguma espécie de destino... Se você está lendo o manuscrito agora, isso é obra do acaso, que, por incontáveis viravoltas do mundo, por inúmeros gestos desnecessários, fez com que neste momento eu ainda tivesse um pedaço de papel e um toco de lápis, e assim ele pudesse vir à luz.

George França

10.19

a waly salomão

a fumaça pesada

lacrimogênea

um gatilho para

restar

no irrespirável

rezar

remar

no irresistível

não existe

a memória

resistida

índice frágil

fóssil

não

restar pedra sobre

a fumaça mata

o mar deserto

irrespirável

inseparável

vai e

mais perto de fugir

eu não

mais

vem

nos olhos mortos de um país que não há

545

Lingua franca et jocundissima

Restar no irrespirável
Enquanto acento tônico
Ponto de interrogação
Ou até mesmo ponto de exclamação
Ou como exemplo de estilo sem pontuação
Um pleno Saara
Um pleno deserto
Canícula
Por entre cascavéis
Lagartos
E escorpiões da areia
Sem oásis de veleidades cabotinas e aliterativas
Sol a pino
Restar sem oásis
Nem palinódias
Sol a pino
Fora do diapasão dos berros de *Delenda Cartago*
Restar no irrespirável
Adepto enfurnado do culto do nome cru
Canícula
Carcaças
E a memória obliterada do arraial de Canudos

Waly Salomão, em Ponte Pênsil



546

Paulino Junior

Ideal de artista

Ao Excrementíssimo Presidente da República Federativa do Brasil.

Marighella fazia poesia.

Lamarca não largava “Guerra e paz”.

Che Guevara carregava pra trincheira uma carga de livros.

Marx se distraía com Mary Shelley.

Engels declarou que seu verdadeiro professor de história e economia foi Balzac.

Proudhon e Baudelaire sob a luz bruxuleante de uma taverna.

Lampião compôs “Mulher rendeira”

& Maria Bonita rendava no arrasta-pé com carabina, fuzil e mosquetão.

Subcomandante Marcos confeccionando e lançando suas cartas-poemas-bombas.

Índios cantam à capela antes e depois da guerra.

Quilombo dos Palmares durou mais de um século batendo tambores.

547

Já lá do outro lado...

Os cagões clamam por governos –

com seus pastores, padres, médicos, juízes e militares.

E se gabam,

segurando seu saco de bosta,

de que nunca precisaram

de artista.

(letra: JARDiM, música: JARDiM e Grego)

Filha da mãe

Sou eu!
 A santa real.
 De peito caído.
 Sem regra de cinto.
 O ventre leoa.

Eu sou!
 A bruxa que reza.
 De alta desperta.
 Eu semente, boa.

Sou, águia, leoa!
 Sou, semente, boa!
 Sou, águia, leoa!

Águia, leoa, semente boa!
 Águia, leoa.

Sou semente!
 Voz reluzente!
 Sou semente.

Só em te ver.
 Tu florescer.
 Só em te ver.
 Tu flores ser.

Desenterro serpentes,
 aborto sementes ruins,
 que plantaram em mim!

Descamei no amor,
 para amar.
 Respiro, pari,
 ao cantar no cantar.

549

A deusa me encontrou,
na deusa que eu sou,
me reverenciou, e revelou!

A santa real
De peito caído.
Sem regra de cinto.
O ventre leoa.

Eu sou!
A bruxa que reza.
De alta e desperta!
Eu, semente boa.

Sou águia, leoa!
Sou semente boa!
Águia, leoa.

Minha rima vem do ventre.
Retirei, pra entrar.
Cancelei, pra soltar.
Baguncei, pra alinhar...

A santa que reza.
De alta e desperta!
Eu semente, boa.

A bruxa que reza.
Voz reluzente.
Eu semente, boa.

A bruxa que reza.
De alta e desperta.
Eu semente, boa.

Eu sou!
A bruxa que reza.
De alta e desperta.
Águia, leoa.

550

Jéferson Silveira Dantas**Olhos invernais**

Viajando nos teus olhos invernais,
Não são ilhas mais,
Tudo o que desejamos demais!

Viajando no teu corpo abissal,
Boca, lágrima e sal!

Viajando nos teus olhos invernais,
Não são ilhas mais,
Tudo o que desejamos demais!

Mas é assim que te alcanço,
Sempre pássaro,
Nunca descanso!

Lp**“Garrafa Vazia, Ferro Velho”**

“Garrafa vazia, ferro velho,
Osso e vidro quebrado...”*
Lá vinha cantando
Aquele negro velho.
Buscava nossa história,
Riquezas e misérias.
Tristes lembranças,
Restos de festas,
Cacos de brigas.
Lá ia cantando,
Por algum vestígio de vida.
A mesma velha história
De que tudo se transforma!!!

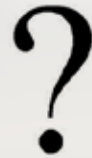
* Canto de sucateiro de rua muito ouvido em Porto Alegre nos anos 60.

Marina Coelho**Metamorfoses**

agora eu sou um monstro marinho. agora eu sou um ânus. agora uma planta. agora eu sou uma pedra. agora eu sou o risco de cair e morrer. agora eu sou um pedaço de pau. um falo. agora uma costela de boi. agora um bicho primitivo, esqualido. extinto antes de tudo

Carlos Eduardo Capela

dar a cara



diante do espelho
a questão
despe a couraça
do íntimo
enquanto escuta
nada almeja
no entanto
lacrimēja

gota, 1ª

a palavra
aventura
não pode
nada mais
que isso
não ser

gota, 2ª

teima o poema
em partir de pronto
por um ponto
enfim
pelo fim
•

gota, 3ª

o disfarce
desfaz
a farsa
da face

cloaca

pouco a pouco
a gente se excreta
excede de si
e escreve
do que resta

espetalares

sempre qual
quer entre
um mal
e um bem
me quer

qual
quer entre um bem
e um mal
sempre
me quer

qual
quer sempre
entre um mal
e um bem
me quer

qual
quer entre um bem
e um mal
me quer
sempre